

Análise de uma derrota

A Alemanha, desde sua unificação na segunda metade do séc. XIX, contou com bons generais, habilidosos estrategistas que muitas vitórias alcançaram para esta nação. Na Primeira Guerra Mundial, Hindenburg e Ludendorff foram exemplos claros dessa afirmação, e tornaram-se ainda mais conhecidos por haverem dirigido, posteriormente a República de Weimar.

Rundstedt, Model, Rommel, Thoma, Guderian, Kluge, Zeitzler, Manstein, entre vários outros ótimos comandantes compuseram o “time” alemão na Segunda Guerra Mundial. Alguns eram da antiga escola como Rundstedt, por exemplo, outros acreditavam em novas tecnologias e davam maior importância às novas técnicas, como é o caso de Thoma e Guderian que se dedicaram ao estudo de uma melhor utilização das unidades de blindados em combate. Havia uma disputa entre estes “setores” por maior atenção às suas táticas. As novidades não eram bem vistas entre os ortodoxos, mais ligados à escola Prussiana, porém a eficiência da utilização dos blindados em combate era comprovada a cada campanha.

A Guerra Civil Espanhola serviu para que os alemães testassem seus novos armamentos e suas novas técnicas, o que mostrou ser de grande valia, pois no começo da Segunda Guerra Mundial, essas técnicas foram imbatíveis. A Luftwaffe desenvolveu-se neste mesmo “laboratório” que para o resto do mundo¹ era deplorável. Além disso, auxiliar o General Franco, em sua guerra contra os republicanos eleitos, era interessante pois este general poderia ser um possível aliado em futuros combates, o que posteriormente provou ser um engano².

É a partir da ascensão de Hitler ao poder, em Janeiro de 1933, que o exército alemão começa a retomar o seu crescimento, desrespeitando as objeções do Tratado de Versailles, aproveitando-se da inércia dos comandantes das potências européias do momento, Inglaterra e França. Investimentos nas forças armadas, desenvolvimento de novas tecnologias militares, são fundamentais para o sucesso nazista nos primeiros anos da Guerra. Segundo Liddell Hart, foi por ter sido desarmada a Alemanha, no final da Primeira Guerra Mundial, que esta pôde desprender-se dos antigos armamentos e desenvolver outros mais modernos³. Essa idéia pode ser considerada desde que não se descarte certo conservadorismo nos dogmas alemães, ou seja, que não se pense que todos os oficiais alemães defendiam as mesmas idéias inovadoras⁴.

¹ Com exceção da Itália que apoiava também a Franco, e da URSS que apoiava os republicanos, os outros países não apoiaram, oficialmente, nem um nem outro lado. Ver FIGUEIREDO, Eduardo de Godoy. Mussolini. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.

² CARTIER, Raymond. A Segunda Guerra Mundial Primeiro volume (1939-1942). Rio de Janeiro: Gráfica e Editora Primor, 1975.

³ HART, Liddell. O Outro Lado da Colina. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1980.

⁴ Idem.

Todas essas vantagens se fizeram notar no princípio da Guerra, quando as investidas dos alemães eram irresistíveis, eram envolventes, eram fatais: a chamada *Blitzkrieg*⁵ era um sucesso. A combinação de armas modernas, e ótimos comandantes, caracterizou a Alemanha como a maior potência militar européia, ou quem sabe do mundo, nos três primeiros anos da Guerra⁶.

Mas um governo ditatorial, se por um lado investe na guerra, por outro centraliza o comando, e no caso de Hitler, inclusive o comando militar. Hitler era um ex-cabo, que se feriu na Primeira Guerra Mundial lutando do lado alemão, mesmo sendo austríaco⁷. Sua experiência como militar não passava desta situação. Mesmo que fosse um apaixonado por literatura militar⁸, um obcecado por táticas de combate, um grande líder, não sabia como conduzir uma guerra em sua face técnica, em suas cartadas decisivas, quando, em certas ocasiões, um recuo bem planejado pode valer mais que um ataque desesperado, como fez Churchill com a Inglaterra, mantendo-se somente na defensiva durante o princípio da Guerra, tentando conquistar aliados e materiais para sua reação⁹.

Os sucessos iniciais o cegaram para a realidade, levaram-no para uma fantasia suicida que não o deixava ponderar suas decisões, as quais tomava sem levar em consideração os relatórios de verdadeiros especialistas em estratégias de guerra¹⁰. Não aceitava um recuo, não queria aceitar uma derrota em uma batalha, que pudesse posteriormente lhe valer a Guerra. Não tinha instinto para tal assunto, mesmo sendo um apaixonado e assíduo leitor do gênero. A guerra não é paixão, pelo menos não para os comandantes, que devem tomar decisões com a mais objetiva frieza, tendo em vista a maior segurança de seus homens - às vezes sacrificando alguns para salvar a maioria - e o sucesso no final¹¹.

Não foram poucas as interferências de Hitler nos assuntos referentes a planos de operações. Por repetidas vezes ele ignorou os relatórios de seus experientes generais, e aventurou seus homens em campanhas suicidas, como por exemplo, o progressivo avanço na Rússia em pleno inverno¹². Milhões pagaram por sua arrogância. Milhões foram afetados por sua teimosia e, por fim, ele mesmo pagou o preço da irresponsabilidade¹³. No comando do exército circularam vários oficiais muito capazes, mas quando um destes via que Hitler estava passando dos limites e tentava persuadi-lo, era deposto de seu cargo, e um outro oficial, mais “inofensivo”, na visão do *Führer* era contemplado com o cargo vago¹⁴.

Andrew Roberts trabalha com a hipótese de que Hitler teria receio de dividir o sucesso com outras pessoas, tendo em vista que essas poderiam ser suas adversárias

⁵ Guerra Relâmpago, ou seja, avanços profundos na linha do inimigo, sem preocupar-se com os flancos, desestruturavam as defesas que rapidamente se diluíam. Os Blindados eram fundamentais para esse tipo de guerra, pois os avanços necessitavam de velocidade, sendo que os flancos ficavam desguarnecidos. Ver HART, Lidell. O Outro Lado da Colina. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1980.

⁶ HART, Lidell. O Outro Lado da Colina. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1980.

⁷ Hitler nasceu em Braunau, cidade austríaca que fica na fronteira com a Alemanha. Ver HITLER, Adolf. Minha Luta. São Paulo: Editora ?, 2005.

⁸ BARCELOS, Sérgio e LYDIA, Mury. Hitler. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.

⁹ ROBERTS, Andrew. Hitler e Churchill segredos da liderança. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

¹⁰ HART, Lidell. O Outro Lado da Colina. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1980.

¹¹ PUGLIESI, Heloisa Sarzana e PUGLIESI, Márcio (Trad.) SUN TZU. A Arte da Guerra por uma estratégia perfeita. São paulo: Madras, 2005.

¹² HART, Lidell. O Outro Lado da Colina. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1980.

¹³ BARCELOS, Sérgio e LYDIA, Mury. Hitler. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.

¹⁴ HART, Lidell. O Outro Lado da Colina. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1980.

políticas em um momento posterior¹⁵. Principalmente após a queda de Mussolini em 1943, Hitler encontra motivos para fortalecer os seus métodos, tendo em vista que Mussolini, ao contrário do *fuher*, não se envolvia tanto com as questões militares. É claro que o Duce não se abstinha destes assuntos, muito pelo contrário, mas deixava para seus generais de confiança a condução da Guerra, em sua face mais técnica¹⁶. Mussolini teve contra si uma guerra desastrosa, quando, em nenhum momento, obteve sucessos sólidos¹⁷. Os fascistas haviam destinado muitos recursos para a guerra civil espanhola, investindo neste conflito muito mais do que seu aliado nazista, porque Mussolini visava o reconhecimento internacional da Itália como grande potência, além do que pretendia dar apoio a regimes similares ao seu¹⁸. O Duce, seus partidários e todos que apoiaram essa guerra necessitavam dessa afirmação, pois a Itália, mesmo tendo se aliado à Entente na Primeira Guerra Mundial, havia sofrido mais derrotas do que conquistado vitórias¹⁹. Mas os italianos não queriam a guerra, o governo fascista não dava grandes condições de vida para seu povo como “propagandeava”. Somente uma pequena parcela privilegiada da população usufruía de produtos como carne, eletrodomésticos, telefone, dentre outros²⁰. O apoio ao regime era duvidoso, pois na única vez em que o povo pode mostrar sua vontade em uma votação, as opções eram apenas o *Sì* e o *No*²¹. Evidentemente, com uma certa “ajudinha” dos *camicie nere*²², o *Sì* obteve maioria²³. Até 1926, Mussolini não tinha todo o poder em suas mãos, pois se sabe que ainda existiam partidos oposicionistas e manifestações contra o regime fascista, como o Aventino em 1924²⁴. Segundo Mussolini, em uma manifestação que pretendia amanizar o fracasso de guerra do seu regime declarou que “não podia fazer, de um exército de poetas, um exército de guerreiros”²⁵.

Hitler menosprezava os italianos, assim como todos os outros povos não-arianos. Entretanto demonstrava certa consideração por Mussolini, chegando a denominá-lo “romano”, porém, acreditava que este não poderia ajudá-lo muito, tendo em vista que seus “súditos” eram “apenas italianos”²⁶. A ajuda de Hitler a Mussolini foi mais um fator que contribuiu para a derrota da Alemanha, considerando que uma guerra em várias frentes é uma guerra de difícil manutenção²⁷.

¹⁵ ROBERTS, Andrew. Hitler e Churchill segredos da liderança. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

¹⁶ FIGUEIREDO, Eduardo de Godoy. Mussolini. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Idem, Ibidem.

¹⁹ VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. Primeira Guerra Mundial. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1988.

²⁰ FOCUS STORIA. Come si viveva ai tempi del FASCISMO, 2005.

²¹ Votação de 1934 para saber se os italianos aprovavam ou não o partido fascista de Mussolini. Ver FOCUS STORIA. Come si viveva ai tempi del FASCISMO, 2005. Ver Também FIGUEIREDO, Eduardo de Godoy. Mussolini. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.

²² Camisas Negras, grupo ou unidade paramilitar que Mussolini contava para impor suas vontades na Itália. Ver FIGUEIREDO, Eduardo de Godoy. Mussolini. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.

²³ FIGUEIREDO, Eduardo de Godoy. Mussolini. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.

²⁴ Em 1924, alguns deputados de oposição ao fascismo, deixaram o parlamento italiano, sem querer mais tomar parte nos trabalhos parlamentares. Este ato ficou conhecido como Aventino, ou retirada aventina (Mussolini, 1937). FIGUEIREDO, Eduardo de Godoy. Mussolini. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973. e BERTONHA, ---. Sob a Sombra de Mussolini.

²⁵ FIGUEIREDO, Eduardo de Godoy. Mussolini. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.

²⁶ Idem.

²⁷ Os alemães já haviam conquistado a França, mas ainda estavam hostilizando a Inglaterra na frente ocidental; estavam começando a operação barba roxa, contra a Rússia, na frente oriental; e agora entravam em uma frente de batalha no norte da África, além de terem que auxiliar os italianos na Grécia. Ver CARTIER, Raymond. A Segunda Guerra Mundial (1939-1942). Rio de Janeiro: Gráfica e Editora Primor, 1975. 1º e 2º volumes.

O outro aliado da Alemanha, o Japão, estava mais preocupado com a sua guerra particular com os EUA no Pacífico, não oferecendo ajuda alguma aos alemães na Europa. Hitler poderia ter efetivado um ataque simultâneo com o Japão, contra a Rússia, mas, segundo Lidell Hart, sua prepotência e sua sede de sucesso “em carreira solo” não o deixaram organizar uma invasão mais forte²⁸. Mesmo porque, a Rússia é um país de dimensões continentais, o que facilita as retiradas estratégicas para posteriores avanços devastadores. Já no caso de uma invasão coordenada entre Alemanha e Japão, a defesa em duas extremidades seria pesada demais, mesmo para a Rússia. Já Vicentini diz que os alemães requisitaram aos japoneses um ataque conjunto, mas os japoneses tinham outros planos, além de terem já uma experiência negativa de confronto contra a Rússia em 1938 e 1939²⁹.

A conquista da França foi um feito de proporções astronômicas para a Alemanha, pois nesta campanha, o contingente invasor era inferior ao contingente francês e inglês que se concentrava neste país, inclusive no que concerne aos equipamentos. O êxito foi possível por conta de um maior brilhantismo do *kommando* alemão³⁰. Seus líderes tiveram certa liberdade, que seria negada posteriormente, e com isso puderam utilizar-se de técnicas e táticas ousadas, da forma que realmente achavam possíveis, sem um total controle por parte do *Führer*³¹. O único erro de Hitler foi, segundo Hart, ordenar o “auto de Guderian”, o que possibilitou a fuga dos ingleses em Dunquerque³². O controle dessas possessões e a organização mais pormenorizada e melhor equipada de uma invasão da Rússia seria uma ação mais coerente, e foi a opinião de grande parte dos oficiais de estado-maior alemão, mas não foi a vontade de Hitler, que a antecipou. É bem sabido que, antes disso, Hitler tentou conquistar a Inglaterra, porém seu plano malogrou. Rundstedt pregava que não era interessante para a Alemanha entrar em uma guerra contra a Inglaterra, mas a vitória sobre a França motivou inclusive os mais cautelosos³³. Os ingleses se defenderam como puderam, cabendo a RAF (Royal Air Force) o maior destaque, vencendo batalhas aéreas em situações de grandes desvantagens³⁴. Por várias vezes, os alemães tentaram um acordo com os britânicos, pois Hitler sabia que seria difícil lutar contra duas potências na Europa. Mas sempre a resposta inglesa foi “não”³⁵. Por outro lado, Churchill tentava desesperadamente convencer Roosevelt a entrar no conflito com toda a sua força, chegando inclusive a dizer que não sabia por quanto tempo iria conseguir resistir a Hitler e caso a Inglaterra caísse, o único aliado que os Estados Unidos tinham no continente estaria perdido³⁶.

²⁸ HART, Lidell. O Outro Lado da Colina. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1980.

²⁹ VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. Primeira Guerra Mundial. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1988.

³⁰ HART, Lidell. O Outro Lado da Colina. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1980.

³¹ Sun Tzu em seus escritos militares denominados Arte de Guerra, atenta para a importância da liberdade de ação do general: “Se a situação é de vitória, mas o soberano ordenou a trégua, o hábil general pode decidir o contrário. Se o soberano ordena a luta, diante de uma situação tal que o general sabe não poder vencer, não precisará acatar essa decisão.”. Ver PUGLIESI, Heloisa Sarzana e PUGLIESI, Márcio (Trad.) SUN TZU. A Arte da Guerra por uma estratégia perfeita. São paulo: Madras, 2005.

³² Hitler, temendo um enfrentamento de suas tropas com soldados anglo-franceses em unidades mais numerosas ordenou que Guderian cessasse seu ataque. Ver HART, Lidell. O Outro Lado da Colina. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1980.

³³ Idem.

³⁴ Inclusive tendo de lutar com menos do que a metade das forças da Luftwaffe. Ver ROBERTS, Andrew. Hitler e Churchill segredos da liderança. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

³⁵ Idem

³⁶ VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. Primeira Guerra Mundial. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1988.

Os russos sabiam que mais cedo ou mais tarde os alemães atacariam. Contudo, julgavam que não seria tão cedo. Mesmo assim transferiam sua zona industrial para o leste, longe do alcance alemão, tendo em vista que acreditavam em uma guerra longa contra o inimigo nazista que tinha como objetivo a “extinção” dos comunistas³⁷.

A Alemanha dispunha um império conquistado muito rapidamente e, tinha um grande futuro no comércio mundial, sabendo que já vinha consolidando essa modalidade há algum tempo. O Brasil é um exemplo de país que comerciava muito com a Alemanha. No sul desse país havia uma concentração de imigração germânica, o que favorecia este comércio, porém quando o Brasil foi pressionado pelos EUA a decidir com qual beligerante preferia manter relações, ocorre uma mudança nesse panorama, havendo inclusive perseguições e violências contra esses colonos alemães no Brasil³⁸.

Todos esses motivos tornam muito interessante e também necessária uma análise mais pormenorizada da política de Hitler, podendo-se tomar uma visão mais inclinada a acreditar no despreparo deste ditador do que em uma força aliada muito superior. Evidente que nos últimos anos da Guerra, a balança pendeu para o lado aliado, pois os EUA tinham muitos recursos para investir em uma guerra longe de seu território³⁹, e ainda mais lutando contra um inimigo dividido em várias frentes, que não podia contar com um aliado de verdade, muito embora fosse em grande parte culpado por isso⁴⁰. Do lado italiano, sabemos que a carência de muitos recursos castigava já demasiadamente este país que em virtude disso não poderia sustentar uma guerra por um ano sequer. Mesmo assim Hitler pressionou de todas as formas a Mussolini para entrar no conflito. O resultado não poderia ser outro, o desastre⁴¹. No que se refere à aliança com o Japão, há uma falta de diálogo, falta de uma parceria mais ativa para poder derrotar a Rússia juntos e depois pensar, também juntos, em enfrentar os EUA. Porém, principalmente com a impotência do Japão em dialogar com os Estados Unidos e achar uma solução mais interessante para a questão asiática os aliados do leste não se fizeram participantes na Europa. Os norte-americanos, com medo de uma interferência do Japão nas colônias européias e na sua própria colônia asiática⁴² impuseram fortes restrições ao Japão que se viu forçado a se entregar ou lutar contra os Estados Unidos⁴³.

A liderança de Hitler foi a ruína da Alemanha, e é interessante pensar que várias pessoas o apoiaram por acreditar no contrário. Um sentimento particular de vingança contra o mundo, que fez sofrer muita gente, principalmente os judeus, que morreram impiedosamente nos campos de extermínio nazistas⁴⁴. Hitler destruiu, de forma irreversível, várias regiões e nações que, em alguns casos, o ajudaram a chegar ao poder, mesmo que de uma forma mais indireta, como a França e a Inglaterra em suas políticas de pacificação.

Para muitos capitalistas era interessante ter uma força central que pudesse opor-se a URSS, tendo em vista que o nazismo protegia os bens privados, entretanto, os bens mais seguros eram dos alemães. Estes inclusive foram aumentados de forma

³⁷ -----, Ação das pequenas unidades alemãs na campanha da Rússia.-----.

³⁸ FACHEL, José Plínio Guimarães. As violências contra os alemães e seus descendentes, durante a Segunda Guerra Mundial, em Pelotas e São Lourenço do Sul. Pelotas/RS: EGUFPEL, 2002.

³⁹ VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. Primeira Guerra Mundial. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1988.

⁴⁰ HART, Lidell. O Outro Lado da Colina. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1980.

⁴¹ FIGUEIREDO, Eduardo de Godoy. Mussolini. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973

⁴² Filipinas

⁴³ VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. Primeira Guerra Mundial. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1988.

⁴⁴ ROBERTS, Andrew. Hitler e Churchill segredos da liderança. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

impressionante com a expropriação dos judeus⁴⁵. O grupo estrangeiro, maior apoiador de Hitler, foi o chamado grupo de Cliveden, uma união de interesses que visavam a ampliação dos negócios internacionais e queriam o fim de qualquer coisa que pudesse se opor a isso. O comunismo poderia ser essa oposição⁴⁶.

A diplomacia de guerra dos aliados permitiu que o “furacão” Hitler devastasse a Europa em 12 anos, tendo em vista uma política medrosa de pacificação e em certo momento e outra, de incentivo aos métodos de Hitler contra os soviéticos⁴⁷, mas esqueceram que o ódio de Hitler não era somente contra os comunistas, mas sim era um ódio contra o mundo. O preço foi muito alto.

⁴⁵ VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. Primeira Guerra Mundial. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1988.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Idem, Ibidem.

Bibliografia:

BARCELOS, Sérgio e LYDIA, Mury. Hitler. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.

BARROS, Alberto da Rocha. Que é o Fascismo. Rio de Janeiro, LAEMMERT, 1969.

CARTIER, Raymond. A Segunda Guerra Mundial Primeiro volume (1939-1942). Rio de Janeiro: Gráfica e Editora Primor, 1975.

CARTIER, Raymond. A Segunda Guerra Mundial Segundo volume (1942-1945). Rio de Janeiro: Gráfica e Editora Primor, 1975.

FACHEL, José Plínio Guimarães. As violências contra os alemães e seus descendentes, durante a Segunda Guerra Mundial, em Pelotas e São Lourenço do Sul. Pelotas/RS: EGUFPEL, 2002.

FIGUEIREDO, Eduardo de Godoy. Mussolini. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.

HART, Lidell. O Outro Lado da Colina. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1980.

MUSSOLINI, Benito. Vida de Arnaldo. Buenos Aires: Ediciones TOR, 1937.

PUGLIESI, Heloisa Sarzana e PUGLIESI, Márcio (Trad.) SUN TZU. A Arte da Guerra por uma estratégia perfeita. São paulo: Madras, 2005.

ROBERTS, Andrew. Hitler e Churchill segredos da liderança. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. Segunda Guerra Mundial. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1988.

Revistas:

FOCUS STORIA. Come si viveva ai tempi del FASCISMO, 2005.